

# heranças com.par.ti.lha.das

MEMÓRIAS, CULTURAS E HISTÓRIAS DA TRÍPLICE FRONTEIRA DE FOZ DO IGUAÇU REVISITADAS

Gabrielle  
**Schardosin**



# heranças com.par.ti.lha.das

MEMÓRIAS, CULTURAS E HISTÓRIAS DA TRÍPLICE FRONTEIRA DE FOZ DO IGUAÇU REVISITADAS

Gabrielle  
**Schardosin**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
JORNALISMO | UFSC | 2022.1

# Ficha técnica

**Universidade Federal de Santa Catarina**

Centro de Comunicação e Expressão

Curso de Jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso | 2022.1

## **APURAÇÃO, REDAÇÃO E EDIÇÃO**

Ana Gabrielle Schardosin Lopes

## **ORIENTAÇÃO E REVISÃO**

Ildo Francisco Golfetto

## **PROJETO GRÁFICO**

Ana Gabrielle Schardosin Lopes e

Ildo Francisco Golfetto

## **DIAGRAMAÇÃO**

Ana Gabrielle Schardosin Lopes

**Heranças compartilhadas:** memórias, culturas e histórias da Tríplice Fronteira de Foz do Iguaçu revisitadas/Ana Gabrielle Schardosin Lopes; Orientador: Ildo Francisco Golfetto - Florianópolis, SC, 2022. 63p.

# Sumário

Prefácio ..... 07

## CAPÍTULO 1

Legado guarani e a fronteira pré-colonial ..... 11

## CAPÍTULO 2

Raízes da erva-*mate* ..... 21

## CAPÍTULO 3

Pioneiros? ..... 31

## CAPÍTULO 4

Reinvenção pela imigração ..... 37

## CAPÍTULO 5

À frente, o futuro ..... 47

Posfácio ..... 52

Glossário ..... 56



À Marilene, que me  
apresentou Foz do Iguaçu  
tão logo eu abri os olhos.  
Ao Gustavo, que os fez  
voltarem a mirar à  
Tríplice Fronteira.

*Nascimos de muchas madres,  
pero aquí solo hay hermanos.*

Calle 13

# Prefácio

## Prefácio *por Ildo Francisco Golfetto*

Este livro-reportagem repisa a história de uma das mais famosas cidades do Sul do Brasil. Ao entrar em contato com pessoas e documentos que relatam as origens de uma localidade de forte passado indígena, o texto de Gabrielle ScharDOSin demonstra algo que estamos habituados a ver – uma história oficial contada pelos colonizadores e o apagamento da importância dos povos originários.

A Tríplice Fronteira tem uma inegável ligação com a natureza e com aqueles que ali estavam antes da chegada da "gente civilizada". A começar pelos nomes de coisas e locais – *Iguaçu, Paraná, Paraguai, Mate, Itaipu* –, palavras em itálico nesse livro. A cidade de Foz do *Iguaçu* erigiu-se à custa da expropriação dos povos *Guarani* e *Kaingang* por exploradores, oficiais do Exército e trabalhadores em busca de um vida melhor.

A localidade tem como atrações as Cataratas do *Iguaçu*, uma maravilha natural, a Usina Binacional de *Itaipu*, uma obra faraônica à altura das Cataratas e a Zona Franca de Ciudad del Este, espaço de comércio que atraiu imigrantes do leste asiático e oriente médio. Esses três pontos turísticos são também marcadores das mudanças que produziram a densidade e a diversidade inerente à região da Tríplice Fronteira.

As Cataratas chamam a atenção desde sempre. Os índios *Guarani* e *Kaingang* conheciam bem a região e

por seus afluentes residiam e circulavam livremente. Até meados do século XVI, viveram em paz. Mas com a chegada dos espanhóis, alimentados pela exuberância das águas e da lenda do *El Dorado* – pensava-se que lá poderia ser um ponto próximo desse local mítico –, buscavam o ouro dos povos que viviam naquela região, ou seja, alguma coisa a mais para tomarem como sua.

Com a construção da Usina Binacional, aquela população restrita a oficiais do Exército brasileiro explode demograficamente. Uma cidade economicamente insignificante passa a receber operários de todo o Brasil. Afinal, a busca por condições melhores de vida é sina antiga dos brasileiros. Para além disso, com o estabelecimento da Zona Franca no *Paraguai*, o fluxo de turistas e "muambeiros" consolida a Tríplice Fronteira, não mais como um lugar insólito, mas como um fervor que pode ser comparado às lotações de lojas no período natalino. Cheia de oportunidades, a cidade atraiu pessoas novas, imigrantes de outros países que vieram fazer fortuna no comércio.

Em meio a essas mudanças, as histórias oficiais foram sendo construídas, desde o uso da erva-mate sem o devido crédito aos índios até a autonegação dos "pioneiros" – aqueles homens brancos que chegaram antes da construção de *Itaipu*.

Ao escrever esse prefácio é impossível não marcar três fatos recentes. A primeira, que terá repercussão nacional a longo prazo podendo tolher o direito a terra dos povos indígenas de todo o país – o julgamento

polêmico do Marco Temporal, pelo Supremo Tribunal Federal. O detalhe é que essa ação se origina no Sul do país, mais especificamente em Santa Catarina, questionando a ocupação da Terra Indígena *Laklãnõ Xokleng* – uma comunidade dizimada pela violência e pelo descaso. A segunda notícia é o assassinato do indigenista e servidor licenciado da Funai, Bruno Araújo, e do jornalista britânico, Dom Phillips, demonstrando claramente – desde muito antes de Chico Mendes –, que nunca foi seguro defender as causas indígena e do meio ambiente no Brasil.

O terceiro e mais recente fato, capa de portais de notícias e jornais, foi a morte do guarda municipal e tesoureiro do PT, Marcelo Arruda. O luto atingiu em cheio os moradores de Foz do Iguaçu, pois Bruno foi assassinado por um dito "cidadão de bem", que invadiu sua festa de 50 anos para matar os participantes após discutir e ameaçar. Devido a repercussão do crime, viu-se o presidente da República distorcer a narrativa dos fatos para desvincular a violência armada de sua existência e seu discurso. O mesmo discurso que se coloca contra índios, ambientalistas e jornalistas. Em tempos de *fakenews* e pós-verdade, é de se esperar a tentativa de distorção da história por uma figura de poder.

Na contramão desse pensamento, o presente livro-reportagem valoriza, em especial, a herança indígena de Iguaçu ao trazer um pedaço compilado da história, desconstruindo parte daquilo que se atribui exclusivamente aos que vieram depois. Mas, sobretudo, mostra que a Tríplice Fronteira é plural.

CAPÍTULO 1

# Legado guarani e a fronteira pré-colonial

# Legado guarani e a fronteira pré-colonial

“O índio Guarani é o primeiro elemento transfronteiriço dessa região [da Tríplice Fronteira]”, afirma o professor universitário e pesquisador Giuliano Derrosso, primeiro entrevistado desta reportagem.

Giuliano é psicólogo, vive em Foz do *Iguaçu* há mais de 20 anos e decidiu estudar questões identitárias relacionadas ao viver na fronteira durante o doutorado. Defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do *Paraná* (Unioeste), sua tese, *Vivências nas Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI)*, aborda as percepções subjetivas que os moradores da Tríplice Fronteira, compreendida pelo Brasil, *Paraguai* e Argentina, possuem sobre a região.

Durante sua pesquisa, ele notou que os habitantes dos três municípios que compõem essa localidade – Foz do *Iguaçu*, Ciudad del Este e Puerto Iguazú –, consideram o espaço como um todo integrado, homogêneo, “sem fazer diferenciação de lá e cá”, afirma.

Perpassando esse território há muito mais tempo, estão os povos indígenas guaranis. De acordo com a entrevista de Aílton Krenak, historiador e filósofo indígena, para a série documental *Guerras do Brasil.doc*,



os guaranis já habitavam o território sul-americano há pelo menos quatro mil anos antes da chegada dos invasores europeus.

A cosmovisão dos povos guaranis os levava à constante migração territorial em busca do que idealizavam ser a terra sem males – *Yvy Marã Ey*. Mesmo não tendo limites geográficos definidos, concentravam-se em uma localidade estabelecida entre as regiões centro-oeste e sul do Brasil, permanecendo em constante movimento, reconhecendo-se enquanto povo e respeitando os outros povos com quem tinham contato. À época da invasão europeia, relacionavam-se de maneira pacífica com andinos e aymaras.

Atualmente, 410 áreas indígenas guaranis resistem no Brasil, *Paraguai* e *Argentina*. Na chamada *Tekeo Guassú* – região que abriga todas as tribos guaranis da Tríplice Fronteira –, há apenas 11 áreas demarcadas. Esta região preserva ainda alguns remanescentes de natureza originária, em Parques Nacionais e reservas naturais, o que assegura a relação e a simbologia divinas que os guaranis possuem com a terra.

Estes grupos, ainda nos dias de hoje, “frequentemente cruzam a fronteira e não têm essa delimitação fronteiriça, nacional, como a gente imagina”, explica Giuliano.

O Tratado de Tordesilhas, assinado entre Portugal e Espanha em 1494, foi a primeira intervenção europeia oficial a estabelecer limites nas terras indígenas



Utilize o celular para escanear o QR code e acessar o primeiro episódio da série documental *Guerras do Brasil.doc, de Luiz Bolognesi*.

do Brasil. Sob o domínio da coroa espanhola, a região que hoje conhecemos como Tríplice Fronteira passou a fazer parte da Província do *Guairá*: espaço compreendido entre os rios *Paraná*, *Tietê* e *Iguaçu* e a linha imaginária do tratado.

Contudo, o direito de mobilidade internacional dos povos indígenas é garantido até os dias atuais pela Convenção Internacional de Genebra nº 169/1989, uma vez que a existência de *Tekoa Guassú* – seu território de ocupação – é anterior ao estabelecimento dos Estados-Nação.

**Para saber mais sobre a etimologia das palavras de origem indígena que fazem parte do português-brasileiro – como *Guairá*, *Paraná*, *Tietê* e *Iguaçu* – confira o glossário, localizado na página 57.**

## Nascida do encontro das águas

Historicamente, os guaranis são extremamente ligados às águas. Aprendem a nadar desde muito jovens e são exímios pescadores e navegadores. Por isso, ao escolherem uma territorialidade para estabelecer suas aldeias, tendem a optar pela localização próxima de rios e do próprio mar.

No extremo oeste da Província do *Guairá*, estabeleceram aldeias próximas ao rio *Ygûasu* – que significa água grande na etimologia tupi-guarani – e às margens do rio *M'Paraná* – que quer dizer rio largo, semelhante ao mar.

O Rio *Iguaçu* compõe a maior bacia hidrográfica do estado do *Paraná*. Suas nascentes estão localizadas na Serra do Mar, formando os rios *Atuba* e *Iraí* – que

fazem a linha divisória entre *Curitiba* e São José dos Pinhais e dão origem ao *Iguaçu*.

Do primeiro planalto até o extremo oeste do estado, onde deságua no Rio *Paraná*, o *Iguaçu* percorre 1.320 km. Conforme a reportagem publicada no Jornal Extra de *Guarapuava*, de 30/01/2018, “o *Iguaçu* acompanha a história do desenvolvimento do Estado desde a chegada do desbravador espanhol Cabeza de Vaca às Cataratas, em 1542”.

As Cataratas do *Iguaçu*, eleitas como uma das sete maravilhas da natureza, são um conjunto de 275 quedas d’água localizadas a 18 km da foz do Rio *Iguaçu*. As quedas possuem altura média de 72 metros e “sua constituição geológica data de 150 milhões de anos” idade de formação dos basaltos do *Paraná*, conforme informações da Fundação João José Bigarella para Estudos e Conservação da Natureza<sup>1</sup>, de *Curitiba*.

O Rio *Paraná*, por sua vez, é o segundo maior rio da América do Sul e o principal formador da Bacia do Prata. Com 4.880 km de extensão, percorre os estados brasileiros do Mato Grosso do Sul, São Paulo e *Paraná*, além dos países *Paraguai* e *Argentina*. Sua nascen-

---

<sup>1</sup> João José Bigarella (1923 - 2016) foi um geólogo, ambientalista, pesquisador e professor paranaense que forneceu grandes contribuições aos estudos sobre a Terra, especialmente nas áreas de Geologia e Preservação Ambiental. A Fundação João José Bigarella foi criada em novembro de 1998 com o objetivo de desenvolver projetos para melhorar a qualidade de vida humana e ambiental, bem como promover e estimular a investigação e pesquisa científica, tecnológica, cultural e artística, visando a interação da pessoa humana com a ecologia e o universo.

te está localizada no encontro entre os rios Grande e *Parnaíba*. Sua foz encontra-se no Rio da Prata, na cidade argentina de Buenos Aires.



Mapa da Bacia Platina, segunda maior bacia hidrográfica do Brasil. Ela contempla todos os rios citados nesta reportagem. No mapa, é possível ver a localização de Foz do Iguaçu, no encontro dos rios Paraná e Iguaçu.

IMAGEM: KMUSSE, WIKIMEDIA COMMONS.

Devido ao seu enorme potencial hidráulico, o Rio *Paraná* foi escolhido para abrigar a maior usina hidrelétrica em produção de energia do mundo. *Itaipu Binacional* é gerida por Brasil e *Paraguai*, localizada respectivamente nas cidades de Foz do *Iguaçu* e *Hernandarias*. Desde o início de sua construção, em 1975, promoveu grandes mudanças no cenário regional, além do boom de desenvolvimento econômico e social.

É no local exato do encontro desses rios – na foz do *Iguaçu*, onde suas águas passam a ser parte do *Paraná* –, que localiza-se a Tríplice Fronteira.

## A Lenda das Cataratas

Um dos elementos identitários mais populares da cidade de Foz do *Iguaçu* é a Lenda das Cataratas. Criada pelos povos originários *kaingang* – que também habitavam a região –, para explicar o surgimento das quedas d'água, a história foi registrada pelo jornalista Almir Antônio Machado.

No início da década de 1960, Almir realizou um levantamento dos fatos históricos mais importantes da região desde a chegada do primeiro europeu às Cataratas. A partir do relato de descendentes dos *kaingang*, o jornalista organizou a narrativa da forma como é conhecida até os dias de hoje.

No ano de 1990, a lenda das Cataratas foi o principal elemento de uma campanha de fortalecimento da atividade turística na Tríplice Fronteira. Em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e a Fundação Cultural de Foz do Iguazu, o jornalista Selmo Jandir de Aragão produziu uma monografia e uma cartilha ilustrada contando “de maneira simples a incrível história de amor de *Tarobá e Naipi*”. Nessa época, a cartilha foi distribuída a 30 mil crianças das escolas públicas e particulares de Foz do Iguazu.

O trabalho entregue para a conclusão do curso de especialização em administração do desenvolvimento da atividade turística à Universidade de São Paulo (USP) e à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Foz do Iguazu (Facisa, atual Unioeste) buscava “tornar realmente conhecida a verdadeira lenda das Cataratas”, conforme explicado na introdução da monografia.

A lenda atribui o surgimento das Cataratas a *M’boy*, filho de *Tupã*. De acordo com ela...

*...Uma tribo de índios kaingang devota ao deus serpente vivia às margens do Rio Iguazu. O rio era calmo e suas correntezas leves encorajavam os índios à navegação.*

*Como forma de demonstrar sua gratidão e devoção, a tribo oferecia suas mais belas jovens em sacrifício a *M’boy*. *Naipi*, filha do cacique *Igobi*, possuía tão grande beleza que as águas do rio paravam enquanto ela observava seu reflexo.*

*Nota da autora:*

*Minha própria identidade enquanto iguaçuense foi construída sobre a narrativa mitológica da Lenda das Cataratas. Tenho muitas memórias sobre os teatrinhos na escola, a disputa entre meninas de oito anos de idade para decidir quem interpretaria *Naipi* - e ninguém queria ser *M’boy*.*

*Na Praça *Naipi*, localizada no centro da cidade, lembro-me de sentar com meu pai para observar os painéis de concreto que retratavam a lenda e ler a história exibida em um dos muros, até quase decorar seu texto.*

*Um guerreiro kaingang chamado Tarobá apaixonou-se por Naipi assim que a viu. Obstinados a viver seu amor proibido, o casal planejou fugir da tribo na noite em que a jovem seria consagrada a M'boy.*

*Ao embarcar na canoa para seguir rio abaixo, no ritmo da correnteza, Naipi e Tarobá perceberam que seu plano havia falhado. O deus serpente havia descoberto sobre a fuga e ficou furioso, retorcendo seu corpo e penetrando as entranhas da terra, produzindo assim uma enorme fenda no leito do Rio Iguaçu.*

*Capturados pela raiva de M'boy, o casal foi engolido pelas quedas d'água, desaparecendo para sempre. A lenda ainda conta que, para certificar-se de que o casal jamais ficasse junto, o deus serpente transformou Naipi em uma das rochas centrais das Cataratas, para ser eternamente castigada pelas águas revoltas. Tarobá, por sua vez, foi metamorfoseado em uma palmeira inclinada sobre a Garganta do Diabo – o mais alto penhasco do local.*

*Abaixo da localização da palmeira, é possível encontrar a entrada de uma gruta. É nesta caverna que M'boy está escondido até os dias de hoje, vigiando eternamente suas vítimas.*





## ***El gran descubrimiento***

Foi durante o verão subtropical do ano de 1542, em 31 de janeiro, que o primeiro homem europeu deparou-se com a magnitude das Cataratas do *Iguaçu*. Álvar Núñez Cabeza de Vaca, explorador espanhol, cruzava a antiga Província do *Guairá* – território administrado pela coroa da Espanha. Seu objetivo era chegar à Assunção e assumir o governo do *Paraguai* em nome do Rei.

Vista aérea do Rio Iguaçu e das Cataratas do Iguaçu. A fenda aberta no leito do rio é atribuída à fúria de M'boy.

FOTO: ZIG KOCH, MTUR DESTINOS



Guiada pelos índios *Guarani* que habitavam a região, a expedição de Cabeza de Vaca durou quatro meses e era composta por 250 homens brancos e 26 cavalos. Os indígenas se revezavam para acompanhar, guiar e orientar os europeus em meio à Mata Atlântica.



Utilize o celular para escanear o QR code e ouvir o cantar das Cataratas do Iguazu.

A história da expedição pelo ponto de vista do colonizador está registrada na obra *La relación y comentarios del gobernador Álvar Núñez Cabeza de Vaca, de lo acaescido en las dos jornadas que hizo a las Indias* (1555).

É neste livro, raro e importante para compreensão dos princípios da colonização sul-americana, que encontra-se a mais antiga descrição do que hoje conhecemos como o principal cartão postal da Tríplice Fronteira. Na página 139, Cabeza de Vaca descreve:

– *“E yendo por el dicho rio de Iguazu abajo era la corriente de él tan grande, que corrian las canoas por él con mucha furia; y esto causólo que muy cerca de donde se embarcó da el rio un salto por unas peñas abajo muy altas, y da el agua en lo bajo de la tierra tan grande golpe, que de muy léjos se oye; y la espuma del agua, como cae con tanta fuerza, sube en alto dos lanzas y mas, por manera que fué necesario salir de las canoas y sacallas del agua y llevarlas por tierra hasta pasar el salto[...].”*

O arquivo em PDF do livro encontra-se disponível no [acervo digital da Biblioteca Nacional do Chile](#), podendo ser conferido na íntegra.

CAPÍTULO 2

# Raízes da *erva-mate*

# Raízes da erva-mate

O *tereré* e o chimarrão – bebidas preparadas a partir da infusão de água com erva-mate – são figuras recorrentes nas memórias de infância de Gabriel Anacleto Lazzarotto, 24 anos. Gabriel nasceu em Matelândia, cidade paranaense localizada a 70 km de Foz do Iguaçu, mas foi registrado em Ciudad del Este e cresceu no vilarejo de São Roque, no Paraguai. Desde 2017 mora em Foz, onde cursa a graduação em Biotecnologia na Universidade Federal da Integração Latino-americana (Unila).

Enquanto crescia, o *mate* estava presente em quase todos os momentos do dia de Gabriel: desde o chimarrão de manhã cedinho, para começar bem o dia, até o *tereré* preparado para receber os clientes e amigos no comércio agropecuário que a família possuía. “Todos que vinham [à loja agropecuária] paravam para tomar um *tereré* ou um chimarrão, era assim em todos os estabelecimentos comerciais da vila”, narrou.

O chimarrão é preparado com água quente, sendo característico de toda a região sul da América do Sul e legado das culturas indígenas *Quíchua*, *Aymará* e *Guarani*. O *tereré*, por sua vez, é a bebida nacional paraguaia, feito com água gelada e parte da cultura ancestral *Guarani*. Desde 2011, no Paraguai, o último sábado do mês de fevereiro é dedicado à celebração do *Día Nacional del Tereré*, que busca proteger e fortalecer a identidade nacional.

O hábito de consumir a bebida, de acordo com o que contou Cecílio Corrêa, remonta à Era Pré-Colombiana e foi popularizado durante a Guerra do Chaco – conflito armado entre *Paraguai* e Bolívia na década de 1930. Cecílio tem 28 anos, é biólogo formado pela Unila e natural da cidade de Concepción, localizada na região Oeste do país vizinho. “Os soldados passaram a fazer uso ostensivo do *tereré* para filtrar a água suja que tinham à disposição nos *fronts* de batalha e, dessa forma, poder bebê-la”, diz Cecílio.

Em 2020, a bebida foi declarada **Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco** (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Este é o primeiro item das tradições *paraguaias* a ser reconhecido como bem intangível pela organização.

Cecílio conta que, assim como a *mandioca* é um alimento obrigatório no almoço da maioria da população, o *tereré* é a bebida insubstituível, imprescindível no dia a dia das pessoas. “É comum ver crianças a partir dos cinco anos de idade já com a *guampa* [*cuiá*], consumindo o *tereré*”.

Apesar de ser uma bebida gelada, Cecílio conta que o *tereré* é tomado em qualquer época do ano, independentemente das condições climáticas. “Não importa, por exemplo, se estiver muito frio. A gente mesmo assim vai botar gelo [no *tereré*] e tomar ele, seja de manhã, de tarde ou de noite”.

*Nota da autora:*

*Foi o frescor do mate gelado, aromatizado com hortelã e boldo, que ajudou a amenizar o desgaste físico provocado pela onda de calor que atingiu o Brasil em janeiro de 2022. Em Foz do Iguaçu, as temperaturas chegaram aos 47,4°C no dia 25 (o mais quente dos últimos 24 anos), com sensação térmica de 45°C.*

*Durante minha adolescência, eu costumava sair mais cedo da aula para tomar uma guampa com os amigos, na pracinha que ficava em frente à escola.*

CONTINUA...

De maneira geral, o hábito está associado à socialização e ao senso de pertencimento na sociedade *paraguaia*, uma vez que a bebida é consumida tradicionalmente em grupos - nas *tereré jere*, que são as rodas de *tereré*.

Cecílio diz que o costume é de compartilhar o *tereré* com uma roda de amigos, entre a família, com os companheiros do colégio, do trabalho. "Os convites para socializar aqui no *Paraguai*, para algum encontro ou atividade, sempre envolvem tomar um *tereré*", conta. Para ele, o hábito também está ligado a sensação de companheirismo, uma vez que a bebida é compartilhada entre muitas pessoas.

Com a chegada da pandemia de Covid-19 em março de 2020, uma das primeiras orientações do governo *paraguaio* a seus cidadãos foi a de não compartilhar a guampa de *tereré*. Cecílio conta que essa foi "uma mudança muito brusca de hábito para as pessoas", que impactou fortemente a relação da população com a bebida e com a socialização em torno dela. "A pandemia fez com que fosse necessário também desenvolver um vínculo de muita confiança, amizade e respeito para compartilhar o *tereré*, de confiar que a pessoa com quem você está dividindo a cuia e a bomba não está doente", diz o biólogo.

A partir do compartilhamento desta cultura entre os moradores da fronteira, passando a guampa de *tereré* para dividi-la com outras pessoas, o hábito

*Em 2019, quando ocorreu o primeiro "Tererezaço do Iguaçu", eu morava longe demais para conseguir participar do evento. Para manter o costume - e a conexão com o meu eu fronteiriço - levei yerba mate Kurupí comigo para Santa Catarina e o mate gelado para as praias florianopolitanas.*

de consumir a bebida se popularizou amplamente entre os brasileiros.

## Apropriação cultural

A erva-*mate* possui diversas propriedades revigorantes, associadas ao seu alto teor de vitaminas do complexo B, vitamina C, vitamina D, cálcio, manganês e potássio. Para potencializar os benefícios à saúde, é comum adicionar *pohã ñana* ou *pohã ro'ysã* – em *guarani*, ervas medicinais selvagens e refrescantes, respectivamente, como por exemplo hortelã, menta e boldo – à água gelada com que se prepara a infusão do *tereré*.

Estes conhecimentos são parte das culturas ancestrais *guaranis*. Gilmar Tupã Chamorro, 22 anos, conta que a erva-*mate* tem grande importância para o indígena *guarani* e que seu descobrimento foi feito por eles. Tupã faz parte da comunidade indígena *Tekoha Ocoy*, de etnia *Avá-guarani*, que está localizada na região oeste do *Paraná*. “A erva *mate* é muito utilizada nas nossas cerimônias, está sempre presente em nossa *opy* e em ocasiões especiais, como no altar durante *Nhemongaraí*”, narra Tupã.

*Opy* é a casa de reza das *tekohas* (aldeias) *guaranis*. É neste espaço que a comunidade se reúne para compartilhar os saberes, valores e espiritualidade ancestral.

*Nhemongaraí* é a cerimônia de batismo das crianças indígenas *guarani*, que ocorre quando estão pró-

ximas de completar um ano de idade. É nesta celebração que recebem seu nome e descobrem seu espírito protetor, que regerá suas ações e práticas ao longo da vida. Durante o *Nhemongaraí*, também são batizados os alimentos.

Temístocles Linhares (1905-1993), historiador, crítico literário e professor paranaense, afirma em seu livro *História Econômica do Mate* que “a América nasceu bebendo *mate*”. Nativa da mata atlântica, a *Ilex paraguariensis* – planta utilizada para a produção da erva-mate – é presente em florestas dos três estados do Sul do Brasil, norte da Argentina, bem como por toda a extensão do *Paraguai*.

Em 1546, ao chegarem à região onde hoje está o *Paraguai*, os invasores espanhóis logo aderiram ao hábito de consumir o *caá-i* – preparo feito à base de água a partir das folhas da árvore *caá*. Entretanto, o consumo era mal visto pela Igreja Católica, que acusava a erva-mate de causar malefícios à saúde, vício e alucinações.

Os padres jesuítas, pertencentes à Companhia de Jesus<sup>1</sup> e responsáveis pelas missões de colonização e catequização dos índios, chegaram a proibir seu con-

---

<sup>1</sup> A Companhia de Jesus é uma organização católica, fundada por Inácio de Loyola em 1540. Chegaram ao Brasil em 1549 e foram os principais responsáveis pela catequização dos povos originários brasileiros. Foram expulsos do país em 1760, por serem vistos como uma ameaça ao poder da Coroa Portuguesa. Apesar de tudo, a Companhia de Jesus existe até os dias de hoje, exercendo atividades missionárias e de educação religiosa em mais de 120 países, através de seus 24.000 membros.

sumo entre as populações originárias, chamando-na de “erva do diabo”. As reduções jesuíticas ocuparam a maior parte do território originário do *mate* entre os séculos XVII e XVIII.

Os *Guarani*, sem poder consumir o *tereré*, passaram a fazer uso de álcool – piorando seu desempenho nas atividades religiosas promovidas pelos jesuítas, bem como nos trabalhos que deveriam exercer. Observando o problema que causaram, os colonizadores voltaram atrás: liberaram o uso do *mate* e passaram também a consumir a bebida, reconhecendo seus benefícios.

Tendo direito à “propriedade” das terras onde era produzida a erva-*mate* – concedido pelo Estado teocrático da época, que não reconhecia aos indígenas nenhum direito civil –, os padres jesuítas passaram a beneficiar-se comercialmente do produto, aperfeiçoando as técnicas de cultivo para extrair o maior potencial produtivo da planta, explorando a mão-de-obra dos índios e exportando a produção.

**A exploração indígena,  
não apenas da mão-de-obra escrava,  
mas de todos os conhecimentos, da língua,  
da descoberta das ervas medicinais,  
é apropriação cultural.**

Gilmar Tupã comenta, com tristeza, que “a exploração indígena, não apenas da mão-de-obra escrava,



mas de todos os conhecimentos, da língua, da descoberta das ervas medicinais é apropriação cultural” porque além de explorar, se apropriar e lucrar sobre esses saberes, “a sociedade não-indígena esconde a verdadeira origem desses costumes, como é o caso da erva-mate, que pertence à cultura *Guarani*”.

Após a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil, foram os bandeirantes que continuaram a “propagar” o hábito de consumir *mate* entre os homens brancos. Ao invadirem as missões para sequestrar os índios, tiveram contato com a bebida e apresentaram à população de outros estados brasileiros o chimarrão e o chá-mate.

## Sociedade e economia da erva-mate

“No desenvolvimento da história do *Paraná*, a *Ilex paraguariensis* (erva-mate) foi responsável pelo crescimento econômico, social e político do estado”, informa a [página dedicada à história do chimarrão](#) do site institucional o Sindicato da Indústria do *Mate* no Estado do *Paraná* (SindiMate)

Ainda hoje, o *Paraná* é responsável pela produção de 87% da erva-mate do Brasil. De acordo com os dados do IBGE de Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura, a atividade, que é realizada em grande parte por pequenos produtores, movimentou R\$ 503,5 milhões no estado, durante o ano de 2020.

Historicamente, a economia ervateira do *Paraná* passou por três grandes ciclos, conforme explica Ana Christina Vanali em seu livro “A Erva-Mate e a Política Paranaense”. O primeiro ocorreu entre o fim do século XVII e os anos 1830; o segundo perdurou entre 1830 e 1870; o terceiro permaneceu entre 1870 e 1930, aproximadamente.

Foi durante o segundo ciclo da economia ervateira, com a criação da Província do *Paraná* em 1853, que a sociedade da região do *Iguaçu* começou a tomar forma. Mesmo sendo responsável por 85% da economia paranaense, a dificuldade de acesso dos exploradores de erva-mate brasileiros à região favoreceu a presença dos *obrageiros* argentinos. Naquele tempo, uma viagem de *Curitiba* à região do *Iguaçu* levava ao menos 45 dias.

Os *obrageiros* eram donos de empresas privadas – as *obrages* – que executavam a extração e transporte do produto para a Argentina –, como explica o historiador Micael Alvino da Silva em seu livro “Breve História de Foz do *Iguaçu*”. Na época, o Rio *Paraná* era a principal rota de circulação de pessoas e mercadorias na região da Tríplice Fronteira.

Os *mensus* eram os homens que realizavam o trabalho braçal nas *obrages*. Eram andarilhos sem trabalho e sem moradia que viviam no interior do *Paraguai* ou Argentina, “convidados” para o serviço de extração de erva-mate por comissionistas.

Se aceitassem a proposta de emprego, os *mensus* recebiam o *antecipo*: dois ou três meses de salário adiantado, que eram imediatamente gastos em festas regadas à muita bebida e oferecidas pelo empregador – como forma de fazê-los endividarem-se.

Na sequência, eram levados em direção ao oeste do *Paraná* e, assim que chegavam ao local onde deveriam se estabelecer, eram informados de que não poderiam cultivar o solo e apenas poderiam consumir os produtos do armazém da *obrage*. Com preços inflacionados, o trabalhador acabava com uma dívida altíssima que jamais poderia ser paga e passava a viver em um regime de semi-escravidão.

CAPÍTULO 3

# Pioneiros?

# Pioneiros?

Na noite de 25 de janeiro de 2022, a usina hidrelétrica *Itaipu* Binacional recebeu um novo diretor-geral brasileiro: Anatalício Ridsen Jr., Almirante da reserva da Marinha do Brasil, assumiu o cargo deixado pelo General João Francisco Ferreira após um pedido de exoneração. O papel do diretor-geral é de fazer cumprir o Tratado de *Itaipu*, bem como de administrar e conduzir assuntos relacionados à entidade, conforme explica o documento oficial do Estatuto de *Itaipu*.

A notícia teve grande repercussão nos veículos jornalísticos de Foz do *Iguaçu*, já que o Almirante é neto de um dos chamados “pioneiros” da cidade, Marcelino Ridsen (1891 - 1945). Marcelino foi dono do primeiro armazém do município, criado em 1915, no local onde hoje fica a principal via comercial de Foz: a avenida Brasil.

Cidadão honorário de Foz do *Iguaçu* desde 2020, Ridsen Jr. é natural de *Curitiba*, capital do estado do *Paraná* que fica distante cerca de 640 km da região da Tríplice Fronteira. Chamado de “verdadeiro filho desta cidade” pelo vereador Luiz Queiroga (DEM), o Almirante relatou, em entrevista à revista local *100fronteiras* que “cresceu embalado pelas histórias iguaçuenses contadas por seus pais e avós” e que “sempre que possível, vinha a Foz do *Iguaçu* para visitar os parentes queridos”.

Para compreender a empolgação dos meios de comunicação iguaçuenses com a notícia, é necessário entender quem são os “pioneiros” de Foz do *Iguaçu*: pequeno grupo de imigrantes europeus e brasileiros que começou a ocupar a parte brasileira da Tríplice Fronteira entre os anos de 1889, quando foi criada a Colônia Militar de Vila *Iguassu*, e 1965, inauguração da Ponte da Amizade.

## Terra que não reconhece fronteiras

O primeiro censo populacional realizado do lado brasileiro da tríplice fronteira – em 1889, durante a expedição do tenente José Joaquim Firmino –, identificou 212 *paraguaios*, 95 *argentinos*, nove *brasileiros*, cinco *franceses*, dois *espanhóis* e um *inglês* vivendo na foz do Rio *Iguaçu*, totalizando 324 habitantes.

Mesmo pertencendo a Portugal após o Tratado de Madrid (1750), até a última década do século XIX a região do *Iguassu* – nomenclatura utilizada amplamente até 1950 –, tinha a maior parte de sua população composta por *paraguaios* e seus descendentes.

“*Iguaçu* não era uma cidade brasileira. Era uma região de grande mobilidade pela qual passavam *espanhóis*, *nações indígenas*, *paraguaios*, *argentinos* e, desde o final da década de 1880, também *brasileiros*”, explica o historiador Micael Alvino Silva, em seu livro “Breve História de Foz do *Iguaçu*”. De acordo com o exposto na obra, os moradores da região

“chegavam a ignorar o fato de estarem no Brasil” e o idioma falado no território do extremo oeste paranaense era o espanhol.

Em novembro de 1889, a Colônia Militar de Vila Iguassu foi estabelecida com a finalidade de proteger este território fronteiriço considerado estratégico para o governo do Brasil. Em entrevista, o historiador Micael Alvino Silva conta que o “objetivo [da colônia

**Iguaçu não era uma cidade brasileira. Era uma região de grande mobilidade pela qual passavam espanhóis, nações indígenas, paraguaios, argentinos e, desde o final da década de 1880, também brasileiros.**

militar] era demarcar este território e dizer que aqui é Brasil”. A premissa era que o Exército Brasileiro administrasse a distribuição de terras para cultivo e povoamento do local, bem como a vida neste lugar.

A concessão de terras baseava-se em uma decisão política: enquanto os brasileiros e imigrantes europeus eram muito bem-vindos à colônia, os trabalhadores das obras - que já ocupavam a região, mas não especificamente a foz do Rio *Iguaçu* -, não recebiam tal benefício. O modelo de colonização seguia os moldes aplicados ao Rio Grande do Sul, por exemplo.

Os principais registros deste período estão dispostos no livro de memórias “Descoberta de Foz do *Iguaçu* e a fundação da Colônia Militar”, de autoria

do 2º Sargento José Maria de Brito. A obra aborda as percepções pessoais do sargento a respeito da “descoberta” feita na foz do Rio *Iguaçu* e dos “abusos” cometidos por *paraguaios* e *argentinos* no território, uma vez que a área era explorada para extração de *erva-mate*.

Nascido no Piauí, Brito integrou a expedição fundadora da colônia e, mesmo depois da emancipação e transformação de Vila Iguassu em município, em 1914, permaneceu na cidade até seu falecimento em 1942, aos 91 anos.

## Donos da história

O saudosismo pioneiro observado no documentário “Pioneiros”, produzido pela Secretaria de Turismo de Foz do *Iguaçu* em 2014 para celebrar os 100 anos da emancipação política do município, compõe a narrativa histórica e afetiva da cidade desde o fim da década de 1980. De acordo com o historiador Micael Alvino, o início da construção dessa narrativa pode ser atribuído ao jornal *Gazeta do Iguaçu*, que colocava “os pioneiros entre os astros” da cidade.

A *Gazeta do Iguaçu* foi um jornal de circulação diária, criado por quatro empresários da cidade (dos ramos hoteleiro, de transporte público e de distribuição de bebidas) em 1988 para influenciar econômica e politicamente o cenário iguaçuense.



A Gazetinha, como era carinhosamente chamada pela população, foi a principal referência em jornalismo e informação diária em Foz do *Iguaçu* até o ano de 2016, quando encerrou as atividades. O jornal era amplamente lido, comentado, tinha suas notícias criticadas por todos na cidade, possuindo “influência inegável no cotidiano de Foz do *Iguaçu*”, conforme defende Mônica Resende de Oliveira em sua dissertação de mestrado “Mídia impressa na Tríplice Fronteira: estudo do jornal local A Gazeta do *Iguaçu*”.



Utilize o celular para escanear o QR code e acessar o documentário **Pioneiros na Integra**.

Dominando a narrativa institucional sobre a história da cidade, o discurso dos “pioneiros” se repete ano a ano, nas celebrações de aniversário do município. Em 2007, durante as comemorações de 93 anos de Foz do *Iguaçu*, a Câmara de Vereadores promoveu uma solenidade para homenagear as chamadas “famílias pioneiras” da cidade, que **participaram do desenvolvimento do município**.

Entretanto, não é possível encontrar nos discursos oficiais alguma referência aos povos originários – à exceção da narrativa mitológica da Lenda das Cataratas – nem aos paraguaios que participaram da construção histórica da região.

## CAPÍTULO 4

# Reinvenção pela imigração

# Reinvenção pela imigração

Uma das primeiras memórias de Carla Conrad, 42 anos, é a viagem que ela, seu pai e sua mãe faziam todos os dias para vender laranjas na cabeceira da Ponte da Amizade, em 1983. “Eu era criancinha e eles me levavam junto, não tinham com quem me deixar. Íamos de bicicleta: minha mãe e meu pai, eu no varão da bicicleta e mais os apetrechos, as laranjas, e uma maquininha para descascar as frutas”.

Atualmente, Carla é servidora pública municipal de Foz do Iguaçu. Sua família veio de Crissiumal, Rio Grande do Sul, para a cidade no começo da década de 1980. Estavam em busca de uma vida financeira mais confortável e melhores oportunidades de trabalho para o pai, que era servente de pedreiro.

Carla conta que, na época, muitos colegas do pai haviam migrado para Foz, por conta da enorme demanda de trabalhadores da construção civil para as obras da maior usina hidrelétrica do mundo: Itaipu Binacional. Entusiasmado com a possibilidade, o pai de Carla tomou a decisão de mudar-se para o lado brasileiro da Tríplice Fronteira mesmo sem ter uma proposta formal de emprego.

Como o pai não conseguiu o posto de trabalho almejado de imediato, foi a venda de laranjas em meio

*Nota da autora:*

*Apesar de ter nascido apenas na década de 1990, a minha história em Foz do Iguaçu começou a ser escrita ainda em 1972 quando meus avós, com os filhos pequenos, (dentre eles meu pai, com três anos de idade), mudaram-se para cá. Seu Joaquim e Dona Maria Leni eram agricultores e saíram de Ronda Alta, no Rio Grande do Sul, com o objetivo de morar no Paraguai - onde as colônias de brasileiros estavam crescendo.*

CONTINUA...

ao fluxo intenso de pessoas na Ponte da Amizade que garantiu o sustento da família de Carla durante os primeiros anos em Foz do *Iguaçu*.

## Ponte entre nações

A Ponte Internacional da Amizade foi idealizada durante o governo de Juscelino Kubitschek, a partir de um tratado assinado entre Brasil e *Paraguai* em 1956. Segundo o historiador Micael A. Silva, o desejo dos países de construir uma rota comum para que o *Paraguai* pudesse acessar o Oceano Atlântico passando por Foz do *Iguaçu* existia desde 1941, ano em que Getúlio Vargas sagrou-se como o primeiro presidente brasileiro a visitar o país vizinho.

A Ponte da Amizade foi o primeiro grande projeto infraestrutural voltado à integração sul-americana para a Tríplice Fronteira. A partir de sua construção, outras obras importantes seguiram curso, como é o caso da rodovia BR-277. Apesar de ser uma demanda da população desde a época da Colônia Militar, pela necessidade de uma estrada em boas condições que permitisse chegar à *Curitiba*, a rodovia só foi inaugurada em 1969 – quatro anos após a conclusão da Ponte da Amizade.

A obra fazia parte da estratégia de aproximação regional daquele período e, principalmente, atendia a uma demanda do governo do *Paraguai*, que desejava ter uma via de acesso ao mar. A BR-277 estende-se

*Ao chegar à fronteira, minha avó não quis sair do Brasil. Então, adquiriram uma pequena propriedade rural e viveram apenas do manejo da terra e dos animais até 1977, quando meu avô recebeu uma proposta para trabalhar fazendo a segurança dos carros-fortes que transportavam os salários dos funcionários de Itaipu.*

desde a Ponte da Amizade até o litoral paranaense e garante – através da conexão com a Ruta 7, em território paraguaio – uma rota direta entre Assunción e o Porto de *Paranaguá*.

## Soteropolitanos

Jefeté da Silva, 44 anos, é o sexto filho de uma família com sete irmãos e veio para Foz do *Iguaçu* aos cinco anos de idade, em 1982. Nascido em Salvador, Bahia, ele não tem muitas lembranças da cidade natal, “embora tenha boa memória”, afirma. O pai de Jefeté era barrageiro e trabalhava na construção da Usina Hidrelétrica de Sobradinho, localizada na cidade baiana homônima, quando ouviu falar em *Itaipu Binacional*.

Após concluir o trabalho em Sobradinho, o pai viajou – sozinho –, para Foz do *Iguaçu*, enquanto Jefeté e os irmãos foram para a cidade de São Paulo com a mãe. A ideia era que eles aguardassem o pai ter uma residência fixa no município paranaense, para que só então ele, a mãe e os irmãos fizessem a mudança.

A distância entre a família durou apenas um mês e Jefeté recorda do dia em que embarcaram na Rodoviária de São Paulo com destino a Santa Terezinha de *Itaipu*, cidade vizinha de Foz que na época ainda era apenas um bairro. “Eu era bem pequeno e via tudo tão grande. Minha mãe advertia a gente para ficar por perto, porque naquele tempo ti-

nha muito roubo de criança”, conta ele. Atualmente, Jefeté é cabelereiro e trabalha no próprio salão, que montou em uma das salas de sua casa.

## Pedra que canta

A construção de *Itaipu* Binacional promoveu mudanças drásticas na organização social e econômica de Foz do *Iguaçu* e, conseqüentemente, em toda a região. “Ao todo, a obra empregou mais de 40 mil trabalhadores”, conforme explicado por Micael no livro *Breve História de Foz do Iguaçu*. Estes profissionais, assim como os pais de Carla e de Jefeté, vieram de todas as regiões do Brasil.

O movimento migratório foi impulsionado pelo êxodo rural que o país passava na época, fazendo com que mesmo pessoas que não tinham profissão definida viessem para a cidade para desenvolver atividades em outras frentes de trabalho.

O tratado entre Brasil e *Paraguai* para aproveitamento do potencial hidráulico do Rio *Paraná* foi assinado em 1973 e as obras de *Itaipu* começaram efetivamente em 1974, de acordo com informações obtidas no [site da usina](#). Somado às construções da Ponte da Amizade e da BR-277, este evento marca historicamente as relações entre Brasil e *Paraguai*, consolidando a posição dos países como parceiros estratégicos até o início do século XXI.

## Cidades-gêmeas

Jihed Omairi, 54 anos, chegou à Foz do *Iguaçu* com a família em 1980, quando tinha 12 anos de idade. Natural de *Seberi*, Rio Grande do Sul, Jihed é filho de libaneses. A família, que trabalhou com comércio durante muitos anos, vivia na cidade paranaense de Telêmaco Borba em meados da década de 1970.

Com a economia se fortalecendo nas regiões fronteiriças do sul do Brasil em função da circulação internacional de bens e mercadorias, a família decidiu mudar-se para Dionísio Cerqueira. O município catarinense é, assim como Foz do *Iguaçu*, uma cidade-gêmea, uma vez que possui grande conexão econômica, social e cultural com a cidade de Bernardo de Irigoyen, na Argentina.

O conceito de cidades-gêmeas foi definido em 2014 pelo Ministério da Integração, conforme informação do Diagnóstico do Desenvolvimento das Cidades-Gêmeas do Brasil, produzido pelo Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social de Fronteira (IDESF). De acordo com o documento, a terminologia pode ser aplicada “aos municípios situados na linha de fronteira, seca ou fluvial, integrada ou não por obras de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural”.

A família de Jihed viveu menos de um ano em Dionísio Cerqueira, “pois a região dependia exclusivamente do comércio com a Argentina, que teve uma

diminuição repentina naquele ano", conta. A ideia inicial da família era de retornar ao Rio Grande do Sul, mas alguns parentes já haviam se mudado para a região transfronteiriça do *Iguaçu* e comentavam sobre as oportunidades que existiam na cidade: as possibilidades de negócios relacionados ao *Paraguai*, o comércio direcionado aos milhares de trabalhadores da construção de *Itaipu* Binacional e o turismo.

Depois que Jihed e a irmã visitaram Foz para um casamento, apaixonaram-se pela cidade. Quando voltaram à casa dos pais, depois da visita, disseram: “Não queremos outro lugar no mundo, vamos para Foz do *Iguaçu*”.

Atualmente, Jihed é dentista e atende em um consultório no centro da cidade.

## Zona Franca

Um dos movimentos migratórios de estrangeiros para o extremo oeste do *Paraná* ocorreu como consequência da instalação da Zona Franca (ZF) de Ciudad del Este. O ambiente, propício para as atividades ligadas ao comércio e aquecido pela grande demanda gerada pelos novos habitantes chegados para a construção de *Itaipu*, atraiu muitos imigrantes de outros países para Foz do *Iguaçu* e Ciudad del Este (Cidade do Leste, em português) a partir dos anos 1980. Em sua maioria, oriundos do Oriente Médio e da Ásia.



Criada em 1979 para incentivar a economia da cidade *paraguaia*, a Zona Franca localizada do lado *paraguaio* da Tríplice Fronteira é hoje a quarta maior do mundo, atrás apenas de: Miami, nos Estados Unidos da América; Hong Kong, na China; e Colón, no Panamá.

As Zonas Francas são áreas especiais dentro de um país que seguem um regime tributário específico, diferente do praticado no restante do território. O objetivo da criação de uma ZF é promover exportações, facilitar a circulação de mercadorias e atrair investimentos para a região.

Ciudad del Este é a cidade-gêmea *paraguaia* de Foz do *Iguaçu*. Criada em 1957 por um decreto do então presidente Alfredo Stroessner, a cidade está profundamente conectada ao desenvolvimento econômico e cultural da vizinha brasileira.

## Explosão demográfica

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os anos de 1950 e 1991, a população de Foz do *Iguaçu* saltou de 16.421 para 188.190 pessoas. Em 2021, a estimativa de residentes do município era de 257.971 pessoas.

O crescimento exponencial no número de moradores promoveu a ocupação habitacional de diferentes áreas na cidade. Enquanto os chamados “pioneiros” residiam majoritariamente na região central,

próxima ao batalhão do exército, os trabalhadores de *Itaipu* concentravam-se nos bairros planejados pela usina para recebê-los, na região norte (Vila A, Vila B e Vila C).

A região fronteiriça, próxima à Ponte da Amizade, foi ocupada por estabelecimentos comerciais de diversos ramos, que atendiam consumidores brasileiros e paraguaios, tornando-se uma referência na exportação de produtos ao país vizinho. Em contrapartida, o governo brasileiro, durante a década de 1980, começou a implantar políticas nacionais que desestimulassem a compra de produtos estrangeiros pela classe média do país – a menos que os bens viessem do Paraguai.

Tais medidas atraíram um número altíssimo de turistas em busca de importados. Foi também este período que propiciou o surgimento de categorias de trabalho informais ligadas ao comércio, como os sacoleiros: pessoas que compram artigos por atacado, geralmente roupas, brinquedos, bijuterias e produtos eletrônicos, para revendê-los ao público, de porta em porta, nos escritórios ou em barraquinhas nas ruas (de acordo com a definição do do dicionário brasileiro Michaelis de Língua Portuguesa).

Para atender ao novo enorme fluxo de pessoas que passaram a circular na região, empreendimentos do ramo da hotelaria e da gastronomia instalaram-se na cidade. Foi essa estrutura que fortaleceu a principal atividade econômica de Foz do Iguaçu até os dias

de hoje: o turismo. A tríade de atrações – compras no Paraguai e visitação às Cataratas do Iguaçu e Itaipu Binacional – consolidou a cidade como destino do mundo, atraindo em média, 1,3 milhão de turistas por ano do século XXI.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Média calculada com base no número total de visitantes registrado no Parque Nacional do Iguaçu entre os anos de 2001 e 2021.

CAPÍTULO 5

# À frente, o futuro

# À frente, o futuro

A primeira alta temporada de férias e viagens no Brasil, desde o início da pandemia de Covid-19, aconteceu em julho de 2022. Em entrevista à Rádio Cultura de Foz do *Iguaçu*, o presidente do Conselho Municipal de Turismo, Yuri Benitez, demonstrou boas expectativas com relação ao número de turistas na cidade. A temporada anterior, em janeiro, foi prejudicada pela onda de contaminação da variante Ômicron do SARS-CoV-2.

A Covid-19 foi declarada como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 30 de janeiro de 2020 e atingiu o mundo todo, deixando quase 675 mil mortos apenas em território brasileiro.

As principais medidas para diminuir a disseminação do novo coronavírus foram o distanciamento social e a limitação da circulação de pessoas. Como consequência, o setor de turismo brasileiro, responsável por uma receita de 150 bilhões de dólares em 2020 – segundo dados do Conselho Mundial de Viagens e Turismo –, sofreu grande impacto. Em março daquele ano, o número de viagens canceladas chegou a 85%, conforme informou a Associação Brasileira de Agências de Viagens.

Com 40% dos postos de trabalho e cerca de dois terços das receitas do imposto sobre serviços de qualquer natureza (ISSQN) ligados à cadeia produtiva do

turismo, Foz do Iguaçu foi um dos municípios brasileiros mais atingidos pela queda no setor.

A crise, no entanto, ficou para trás. O prefeito Chico Brasileiro (PSD) aposta nas parcerias entre os órgãos de turismo de Brasil, *Paraguai* e Argentina para incentivar o retorno massivo de visitantes à região. Campanhas internacionais promovidas pela Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur) também buscam fortalecer a imagem de Foz como destino turístico de destaque na América Latina.

## **Apostando em novos horizontes**

Apesar do turismo continuar sendo a principal atividade econômica na cidade, as instituições públicas e privadas começaram a investir em outros setores. “A pandemia ajudou a abrir a mentalidade dos grandes empresários e das autoridades políticas para expandir a geração de renda aqui no município”, conta a servidora pública municipal, Carla Conrad.

Carla trabalha no setor de Saúde Ocupacional da prefeitura de Foz do Iguaçu e acredita no potencial da cidade em se tornar um pólo tecnológico e universitário, além de manter sua força enquanto destino turístico.

Desde os anos 1990 já existiam projetos para tornar o lado brasileiro da Tríplice Fronteira em um pólo

universitário que pudesse promover ainda mais desenvolvimento econômico à região.

A primeira instituição de ensino superior iguaçuense, a Faculdade de Foz do Iguaçu (Facisa), foi criada durante a década de 1970 e incorporada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) no ano de fundação desta última, em 1994. De iniciativa privada, foram instaladas cinco faculdades entre os anos de 1992 e 2001. Em 2008, o Instituto Federal do Paraná (IFPR) iniciou as atividades no município.

Contudo, foi apenas com a criação da Universidade Federal da Integração Latinoamericana (Unila) em 2010, pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que o cenário universitário começou a tomar força na cidade – nacional e internacionalmente.

A inauguração da Unila resgatou o projeto de integração sul-americana que está nas bases fundadoras de Foz do Iguaçu. Com 50% de seu corpo docente formado por pessoas originárias de outros países de toda a América Latina, a universidade promove 29 cursos de graduação, oito cursos de especialização, 12 cursos de mestrado e um doutorado.

Todos os cursos estão relacionados a áreas estratégicas para o desenvolvimento e a integração regional. Os cursos de graduação compartilham o Ciclo Comum de Estudos: “disciplinas ao longo dos primeiros semestres que versam sobre América Latina e Caribe, Filosofia e Línguas – Português e Espanhol

–, visando à formação de profissionais comprometidos com a transformação da nossa região”, conforme expressado no site institucional da universidade. Atualmente, a UNILA conta com 3.946 estudantes matriculados, de 37 nacionalidades distintas.

Mais recentemente, a popularização dos cursos de Medicina em universidades localizadas em Ciudad del Este, no *Paraguai*, também têm atraído estudantes para morar em Foz do *Iguaçu*. Juntas, as cinco entidades de ensino superior paraguaias (Universidade Privada Del Este, Universidade Central Del *Paraguay*, Universidade Maria Serrana, Universidade Internacional Três Fronteiras e Universidade Politécnica e Artística do *Paraguai*) somam cerca de 10 mil estudantes.

Para abraçar os novos e velhos moradores, Foz do *Iguaçu* segue investindo na área que a transformou: a infraestrutura. Segundo a servidora Carla, a ampliação das obras de construção civil vem promovendo não apenas maior qualidade de vida para os habitantes da cidade, como também uma alternativa saudável para manter a economia da cidade girando.

Nos próximos meses, as obras de construção da segunda ponte que conecta Foz do *Iguaçu* ao *Paraguai*, a Ponte da Integração, serão concluídas. No horizonte, também estão previstas a ampliação da pista do Aeroporto Internacional de Foz do *Iguaçu*, a construção da estrada Perimetral Leste e duplicação da BR-469 – Rodovia das Cataratas –, que somam cerca de R\$ 1 bilhão em investimento público.



Neste cenário, fica a certeza: a integração e a conexão - entre países, pessoas, culturas e lugares - sempre terão papel fundamental para o desenvolvimento de Foz do Iguaçu e da Tríplice Fronteira.

# Posfácio

# Posfácio *da autora*

Da janela do meu quarto posso ver o lado de lá, que para mim é aqui e para nós é o todo. Em terras brasileiras, observando o horizonte e contemplando o pôr-do-sol paraguaio, fui invadida pela lembrança da resposta de Eduardo Galeano a um estudante de Cartagena das Índias, quando este lhe perguntou para que serve a utopia:

**A utopia está lá no horizonte.  
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.  
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.  
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.  
Para que serve a utopia?  
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.**

Utopia é um substantivo feminino que representa, de acordo com o Dicionário Oxford de Língua Portuguesa, um lugar ou estado ideal, de completa felicidade e harmonia entre os indivíduos. Ou ainda, qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade.

Este livro nasceu da minha busca pela utopia.

Do desejo de conhecer o mundo. Da mudança que fiz em 2015 saindo de Foz do Iguaçu – minha terra natal – para Florianópolis, em busca de um outro horizonte. Da utopia de uma jovem interiorana de classe média baixa, filha de mãe-solo, a mais velha de três irmãos, que queria cursar a graduação em uma das melhores universidades federais do país. Das descobertas feitas sobre identidade, pertencimento e valorização das próprias origens em meio a saudade infinita do meu berço: a fronteira.

Foi em Florianópolis que me reconheci transfronteiriça. Vendo a pluralidade de existências, de vivências e de culturas da UFSC, me dei conta – como que pela primeira vez – das pluralidades com que convivi toda a vida. Foz do Iguaçu cresceu em mim na distância. Às vezes, é preciso olhar de longe para enxergar a totalidade de certas belezas.

Desde 2019 eu já tinha certeza que queria encerrar o capítulo da graduação com uma homenagem à Tríplice Fronteira. Eu só não sabia que, durante o processo de terminar a faculdade, eu voltaria definitivamente para casa. Na primeira semana de aulas do meu sétimo período, a pior crise sanitária da história chegou ao Brasil. Viajei para Foz antes do fechamento das estradas interestaduais. Fiquei.

Entre a concepção do projeto de TCC e a entrega deste produto jornalístico, passaram-se quase dois anos. Dois anos de home office, trabalhando, estudando, descansando e vivendo dentro de casa. Neste

entremeio, três mudanças de emprego, quatro mudanças de casa, quatro meses de burnout, sete meses vivendo as sequelas do burnout, duas contaminações por Covid-19, duas cachorras adotadas.

A apuração deste livro foi realizada de maneira totalmente remota. Mergulhada em meio às pesquisas, anotações e transcrições de entrevistas, a utopia criou raízes cada vez mais profundas em mim. Enquanto descobria mais sobre o passado da territorialidade em que nasci, despertava em mim o desejo de apresentar ao mundo a Foz do Iguaçu e a Tríplice Fronteira que comecei a conhecer. Nossas origens indígenas, nossas profundas conexões com o Paraguai, as bases fundamentais da nossa sociedade construídas a partir da integração sul-americana.

Minha esperança é de que este livro seja mais um passo em direção à utopia transfronteiriça.

# Glossário

# Glossário

Dentre as muitas heranças que recebemos dos nossos povos originários, a língua é provavelmente o aspecto mais presente em nosso cotidiano. De acordo com Gilmar Tupã Chamorro, indígena *Guarani*, professor de língua *materna* na comunidade *Tekoha Ocoy e digital influencer*, “o *Guarani* é muito importante na formação do estado do *Paraná*, principalmente na questão da língua. O idioma está presente em vários locais, dando nome a lugares importantes, pontos turísticos, cidades, ruas, animais”.

Tupã diz que “é muito importante a gente reforçar a origem das coisas, pois assim podemos mostrar que o indígena *Guarani* sempre esteve presente neste território e provar isso através do idioma”.

Neste glossário, você encontrará todas as palavras tipicamente brasileiras, herdadas dos dialetos dos povos *Tupi-Guarani* (e alguns outros) e presentes no decorrer do texto.

**Atuba.** Rio que corta a capital paranaense e que, junto ao Rio Iraí, dá origem ao Rio *Iguaçu*. Do Tupi antigo, ‘a (fruta) + *tüba* (sufixo que indica grande quantidade, coletivo). Muita fruta, pomar.

**Cuia.** Recipiente feito com o fruto da cabaceira, muito utilizado para consumir o *tereré* ou chimarrão. Do Tupi *kúia* (fruto da árvore *kuieté*).

**Curitiba.** Capital do estado do *Paraná*. Existem diferentes raízes etimológicas para a palavra *Curitiba*. “Termo de origem Tupi Ku’ri (pinheiro) + tüba (sufixo coletivo) = muito pinheiro, pinhal. Antiga Curitiba, oficialmente com “o” na primeira sílaba, ficando Corituba, que aparece como curé (porco) + tyba (abundância) ou coré + tyba = abundância de porcos. Os dicionaristas Antônio Gonçalves Dias, Orlando Bordoni, Luiz Caldas Tibiriçá, Silveira Bueno e Teodoro Sampaio apresentam praticamente a mesma versão, com pequenas variações: curi + tyba = abundância de pinheiros, pinheiral. O pesquisador Mário Arnald Sampaio informa que o termo vem do Guarani puro, Kuri’yty, corruptela de Kuri’yndy = pinheiral” - extraído do livro “Municípios paranaenses: origens e significados de seus nomes”, de João Carlos Vicente Ferreira.

**Guairá.** Nome de uma das tribos indígenas que viviam às margens do Rio *Paraná*. A grafia na língua portuguesa é Guaíra, que dá nome a um município do Oeste paranaense. Do Tupi-Guarani, guai (gente) + rá (abundância).

**Guarapuava.** Cidade localizada no alto do Terceiro Planalto Paranaense. Do Guarani, guara (lobo-guará) + pu (barulho) + ava (lugar) = lugar onde se escuta o uivar dos lobos.

**Iguaçu.** Maior rio nativo do estado do *Paraná*, onde estão localizadas as Cataratas do *Iguaçu*. Do Tupi-Guarani, Y (água) + gûasu (grande) = rio grande, água grande.



**Iraí.** Um dos rios afluentes do *Iguaçu*. Do Tupi, ira (abelha, mel) + Y (água) = Rio do Mel, Rio Doce.

**Itaipu.** Nome da maior usina hidrelétrica em produção de energia do mundo. *Itaipu* Binacional é administrada por Brasil e *Paraguai* e gera eletricidade para os dois países. Do Tupi-Guarani, itá (pedra) + Y (água) + pu (barulho) = ilha que canta, pedra que canta.

**Mate.** Objeto utilizado para consumir a bebida feita a partir da infusão de água com as folhas da erva-mate. Do Quíchua matí (cuia, cabaça ou porongo). Atualmente, é sinônimo de *tereré* ou chimarrão.

**Paraguai.** País sul-americano com forte ligação à cultura Guarani. Rio homônimo. Do Tupi-Guarani, paraguá (cocar, coroa) + Y (água) = rio coroadado. Também pode ser originário de payaguá (tribo de aborígenes guranis) + Y (água) = rio dos payaguás.

**Paraná.** Estado da região Sul do Brasil. Rio homônimo, segundo maior da América do Sul. Do Guarani, pará (mar) + anã (parecido, semelhante) = rio largo, semelhante ao mar.

**Piá.** Sinônimo de menino, garoto. Originalmente era utilizada para designar crianças de etnia indígena ou mestiças do sexo masculino. Do Tupi-Guarani pyã, que quer dizer coração. É a forma carinhosa como as mães chamam seus filhos pequenos.

Tereré. Bebida feita a partir da infusão de água gelada, erva-*mate* e outras plantas medicinais ou aromatizantes. Do Guarani *tereré*, representa o som do último gole da bebida a ser sorvido da cuia, através da bomba.

**Tietê.** Município do estado de São Paulo. Rio homônimo. Do Tupi, Y (água) + etê (verdadeiro) = rio verdadeiro. Também pode significar “muitos canários”: quando viviam às margens do Tietê, a floresta era povoada por muitos tiês (canários). Tietê seria derivada de tiê-tiê, onde a repetição da palavra indica grande número de passáros.

Uruguai. País sul-americano. Rio homônimo que corta os estados brasileiros de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e que passa pelo *Uruguai*. Do Tupi-Guarani, urugá (caracol) + Y (água) = rio dos caracóis.

As fontes consultadas para a construção deste glossário foram:

- [Dicionário Ilustrado Tupi-Guarani;](#)
- [Dicionário de Tupi-Guarani;](#)
- [Léxico Guarani, Dialeto Mbyá: para fins acadêmicos;](#)
- [Dicionário Tupi \(antigo\) - Português.](#)

Este livro foi composto em julho de 2022, com uso das famílias tipográficas Merriweather, Dosis, e Helvetica Neue LT STD, com imagem de capa a partir da ilustração digital de upklyak / Freepik, em formato 180 x 240 mm (proporção 3:4).